



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LIDIANA PEREIRA DA SILVA

**AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA NA ZONA RURAL DE BOA VISTA-PB**

CAMPINA GRANDE- PB, 2012

LIDIANA PEREIRA DA SILVA

**AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA NA ZONA RURAL DE BOA VISTA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Rosemary Alves de Melo

CAMPINA GRANDE- PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

S586a Silva, Lidiana Pereira da .
 Artes visuais na educação infantil
 [manuscrito]: uma experiencia na zona rural de
 Boa Vista - PB / Lidiana Pereira da Silva, 2012.
 47 f. : il. : color

 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
 Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba,
 Centro de Educação, 2012.
 “Orientação: Prof. Me. Rosemary Alves de
 Melo, Departamento de Pedagogia”.

 1. Educação Infantil 2. Arte 3. Artes Visuais 4.
 Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 372.5

LIDIANA PEREIRA DA SILVA

AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA EXPERIÊNCIA NA ZONA RURAL DE BOA VISTA-PB

Monografia aprovada em 30 / 11 / 2012

BANCA EXAMINADORA

Rosemary Alves de Melo

Prof^a Ms. Rosemary Alves de Melo
Orientadora

Tania Lucia de Araujo Queiroz

Prof^a Ms. Tania Lucia de Araujo Queiroz
Examinadora

Maria de Lourdes Cirne Diniz

Prof^a Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz
Examinadora

Dedico este trabalho ao meu noivo, José Ismael Farias Leite, que me acompanhou nesta caminhada, compreendendo e ajudando nos momentos de angústia e de desânimo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado forças e coragem ao longo da caminhada.

À minha mãe e minha família por me compreenderem nos momentos em que precisei está ausente.

Ao meu noivo por ter me incentivado a buscar meus sonhos, e por ter me ajudado durante o curso passar pelas dificuldades que surgiam.

Às professoras Erimônica e Elionora por terem contribuído com a realização deste estudo.

RESUMO

A arte possui uma linguagem de expressão muito particular que permite ao ser humano transmitir significados por meio das diversas manifestações corporais e emocionais. Nesse sentido, o presente estudo tem por finalidade analisar metodologias de ensino da arte voltadas para Educação Infantil, a fim de evidenciar a importância das Artes Visuais para esta modalidade de ensino, e teve como suporte teórico os autores que estudam a infância e o ensino das Artes Visuais: Zilma Ramos de Oliveira (2002); Maria F. de Rezende e Fusari & Maria Heloísa C. de T. Ferraz (1993), Ana Mae Barbosa (1998); Maura Penna (1995); Philippe Ariès (1981); No âmbito dos documentos legais, nos respaldamos sobre as ideias e conceitos existentes no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (1998); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1961 e, 1996). De acordo com os dados obtidos através da pesquisa participante, diagnosticamos que ainda existe uma insuficiência muito grande com relação ao ensino de arte, o que demonstra que a educação Brasileira ainda tem muito para avançar. Concluímos que apesar de o ensino de Artes Visuais se fazer presente na grade curricular das instituições de Educação Infantil, é apresentado como um conhecimento desnecessário, como se a valorização cultural não fosse importante para a formação social das crianças, e como se os âmbitos estético e artístico estivessem restritos apenas a meras atividades de reprodução e cópias, não valorizando seu real sentido que é o de levar os meninos e meninas a construir sua percepção crítica, além da ação participativa e consciente na cultura e na sociedade em que estão inseridos.

Palavras chaves: Educação Infantil, Artes Visuais, Metodologia.

ABSTRACT

The art has a very particular expression language that enables man to convey meanings through various manifestations of bodily and emotional. Accordingly, this study aims to examine teaching methodologies of art focused on early childhood education in order to highlight the importance of Visual Arts for this type of education. The monograph was supported by theoretical studies of renowned authors such as: Zilma Ramos de Oliveira (2002); Rezende and Fusari, Heloisa Maria C. T. Ferraz (1993); Ana Mae Barbosa (1998); Maura Pena (1995); Philippe Ariès (1981); among others. Within the legal documents, the study was supported on existing ideas and thoughts on National Curriculum Reference for Early Childhood Education (RCNEI) (1998); Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) (1961 e, 1996). According to the data obtained through the research participant, diagnosed that there is still a very big failure with respect to teaching art, which shows that the Brazilian education has much to advance. The teaching of arts in spite of doing this in the curriculum of educational institutions is presented as an unnecessary knowledge, as if it was not important cultural appreciation for the social formation of infants, and as if the aesthetic and artistic were contained only in mere activities and reproduction copies, not highlighting that its real meaning is to lead individuals to build their critical thinking, participatory action and conscious society in general.

Keywords: Early Childhood Education, Visual Arts, Methodology.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Reprodução de obra do artista pernambucano Romero Brito	42
Foto 2 – Releitura da obra de Romero Brito feita pela professora responsável pela oficina.....	42
Foto 3 – Reprodução de obra do artista Romero Brito	44
Foto 4- Arte realizada por uma criança do pré II contendo a perspectiva geométrica presente nas obras de Romero Brito	44
Foto 5 – Arte realizada por uma criança do pré II também contendo os traços geométricos das obras de Romero Brito	45
Foto 6 – Reprodução de obra de Romero Brito	45
Foto 7 – Releitura realizada por uma criança do pré II	46
Foto 8 – Exposição das releituras das crianças da Educação Infantil na parede do pátio da escola	46

SUMÁRIO

Introdução	10
1. A Criança na História e as Instituições de Educação Infantil	12
1.1. Conceituando a Infância: Ideias e Práticas Correntes	12
1.2. As Instituições de Educação Infantil	16
2. Contextualização Histórica do Ensino da Arte	22
2.1. Tendências Pedagógicas no Ensino da Arte	23
2.2. Pedagogia Tradicional e Pedagogia Tecnicista	23
2.3. Pedagogia Nova e Pedagogia Realista Progressista de Educação Escolar em Arte	25
2. 4. A Importância das Artes Visuais para a Educação Infantil	27
2. 5. O Papel do Professor como Mediador do Conhecimento em Artes	31
3. Percurso na Escola e a Oficina de Artes Visuais	34
3.1. Caracterização da Instituição de Educação Infantil e dos participantes da Oficina	34
3.2. As Artes Visuais na Oficina com as Crianças	35
4. Considerações Finais	46
5. Referências	47
Apêndices.....	48
Apêndice I.....	49
Apêndice II.....	58

INTRODUÇÃO

Sabemos que o ensino de Artes tem sido aplicado nas escolas e conseqüentemente na Educação Infantil de maneira descontextualizada e completamente desvinculada do que se é proposto nas teorias, o que permite a nós educadores pensar e refletir a respeito de nossas práticas, assim como dos objetivos que pretendemos alcançar por meio delas.

Nesse sentido, o presente trabalho monográfico irá apresentar uma pesquisa sobre “As Artes Visuais na Educação Infantil”, a fim de oferecer subsídios teóricos que venham favorecer uma reflexão crítica a cerca das metodologias de ensino presentes nas práticas de muitos professore(a)s das instituições de Educação Infantil.

As Artes configuram-se como um instrumento valioso de aprendizagem que tem por finalidade o despertar o olhar crítico e criativo da criança. As Artes Visuais surgem como uma linguagem de expressão capaz de comunicar e atribuir significados à sentimentos, sensações e pensamentos, além do mais permite o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e das capacidades estéticas que irão se desenvolver no fazer artístico dos infantes.

Por essas razões, as Artes Visuais devem ser trabalhadas na Educação Infantil de forma contextualizada permitindo às crianças a familiarização com as diversas manifestações artísticas e culturais, assim como o desenvolvimento das suas capacidades estéticas e artísticas.

O objetivo deste estudo é o de analisar metodologias de ensino de artes voltadas para Educação Infantil a fim de evidenciar, a importância das artes visuais para esta modalidade de ensino, tomando como referência o papel do (a) professor (a) como mediador (a) do conhecimento, uma vez que grandes lacunas são encontradas nas práticas pedagógicas de artes em muitas escolas brasileiras.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica e de campo participativa. Para realização deste estudo, foi escolhida uma professora da Educação Infantil de uma escola e pré - escola municipal localizada na zona rural do município de Boa Vista-PB, na qual se aplicou um questionário subjetivo contendo cinco questões, e desenvolveu-se uma oficina de artes visuais com as obras do artista Romero Brito, durante o período de dois dias.

O trabalho monográfico está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo tratará historicamente do conceito de infância e das instituições criadas ao longo dos tempos para o cuidado e a educação destas. O segundo capítulo apresentará a contextualização do ensino de artes e a importância das Artes Visuais na Educação Infantil destacando o papel do(a) professor(a) como mediador(a) do conhecimento em Artes, assim como a relevância de se trabalhar os saberes estéticos e artísticos com as crianças. O quarto capítulo irá apresentar o percurso transcorrido durante o desenvolvimento desta pesquisa, assim como as análises e discussões a cerca da visão da educadora entrevistada neste estudo, e também da Oficina de Artes Visuais “Construindo Releituras na Educação Infantil”, realizada no período de 15 à 16 de maio de 2012, com as crianças do pré I e II, da Escola e Pré- escola: Severino Tavares da Silva, localizada na zona rural do município de Boa vista- PB

1. A Criança na História e as Instituições de Educação Infantil

1.1. Conceituando a Infância: Ideias e Práticas Correntes

No decorrer da história muitos foram os significados destinados ao sujeito criança no qual, em cada momento histórico, uma nova infância era inventada. Sendo assim, para que seja melhor explicado esse processo de construção social das infâncias é importante compreendermos como se deu a emergência da criança na história.

De acordo com os estudos de Philippe Ariès (1981), durante o século XVI, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, diferindo-se das outras pessoas apenas por serem menores no tamanho.

As crianças participavam de vários acontecimentos cotidianos e também das demais atividades e manifestações religiosas e culturais presente na comunidade. Elas viviam num momento em que não havia um sistema de regras, que instituísse os direitos e os deveres do sujeito infantil, o que as levou a se vestirem e se comportarem como adultos. Consideramos assim, que a aprendizagem das crianças se dava a partir da relação direta que mantinha com os adultos, e com as atividades que eram desenvolvidas por elas.

Para Ariés, (1981), a transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança não era, portanto, nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode se dizer que durante séculos a educação foi garantida graças a convivência da criança ou do jovem com os adultos.

O autor ainda enfatiza que a família não apresentava papel algum, qualquer tipo de carinho direcionado a criança apresentava-se de maneira muito superficial, e somente quando estas eram muito pequeninas. Tal sentimento é entendido por este autor como “paparicação” reservado a criança em seus primeiros anos de vida, enquanto ela era ainda, uma coisinha engraçada. Para o autor as pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, no qual, se ela morresse não seria dada muita importância, uma vez que logo outra criança nascia, e a substituiria.

Ao término do século XVII, a criança é separada do convívio com o adulto, e sua educação passa a ser mediada pela escola. Essa separação deve-se a uma das faces do movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados a igreja, às leis ou ao estado, contudo, ela não teria sido possível sem a cumplicidade sentimental das famílias.

Nesse sentido, observa-se uma nova postura familiar de tratar o sujeito criança, até então, não percebido. A família assim passou a dar importância aos estudos das crianças. De acordo com Ariès (1981), a família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar importância, fazendo assim, que esta, saísse do seu anonimato, tornando-se impossível perdê-la sem sentir uma enorme dor, o que resultou na necessidade de se reduzir o número de nascimento de crianças para que assim fosse melhor cuidar delas.

O autor ainda nos chama a atenção para o que se pode denominar, infanticídio tolerado. O infanticídio tolerado tinha como característica, matar as crianças pequenas asfixiadas e isso ocorria naturalmente na própria cama da mãe, mas em segredo. A prática do infanticídio era um ato consumado camufladamente, visto que sua ação era incorreta, ou mesmo criminosa podendo ser severamente punida pela ética da igreja e do estado.

Em fins do século XVII, o poder público e os reformadores religiosos através das paróquias, e por meio da conscientização dos pais das crianças fizeram com que esta prática fosse deixando de existir tornando os pais mais sensíveis a morte e fazendo com que estes conservassem e protegessem a vida de seus filhos. Todavia, se a vida do infante se constituía em algo tão breve, seria de se esperar, que houvesse um cuidado maior com sua alma após a morte. Para tanto, o batismo surge como um meio de salvar a alma das crianças que morriam tão cedo.

Para Ariès (1981), em meados da idade média ainda não havia registros de catolicidade, nem certidões de nascimento, nada forçava os indivíduos além da sua própria consciência, a opressão da opinião pública e o medo de uma autoridade longínqua, negligente e desarmada. As crianças eram batizadas quando bem se entendia e atrasos de vários anos podiam ser freqüentes.

Os batistérios dos séculos XI e XII são alias grandes cubos semelhantes a banheiros, onde a criança que não devia mais ser mais muito pequena, ainda era mergulhada: cubas profundas em que os pintores de vitrais mergulhavam Clóvis para batizá-los ou S. João para torturá-lo pequenos banheiros retangulares em forma de sarcófago. (ARIÈS, 1981, p.18-19).

Os batismos coletivos eram muito freqüentes e isso fazia com que muitos infantes morressem antes mesmo de ser batizado o que preocupou os pastores medievais da época multiplicando estes, os locais de culto a fim de permitir aos padres chegar mais depressa a cabeceira da mãe que dava a luz. As famílias foram forçadas a ministrar o batismo, assim que a criança nascesse havendo, portanto, um desprezo com o batismo coletivo, uma vez que este impunha uma espera muito longa. E a partir do século XVI, com a criação dos registros de catolicismo os visitantes diocesanos controlaram a administração dos batismos.

Entendemos dessa forma, que até o século XVII, a criança é conceituada como um sujeito de pouco significado, no qual a sua existência não tem importância alguma para sociedade em geral. Essa evidência pode ainda ser verificada na forma como os artistas da época concebiam a criança em retratos e pinturas.

Philippe Ariès tratou a respeito da “Descoberta da Infância”, para analisar a maneira como as concepções de infância eram concebidas em diferentes momentos da história. Para tanto, Ariès (1981) busca compreender o conceito de criança partindo de um período, onde a representação da criança praticamente não existia, e quando existia apresentava-se totalmente desvinculado do seu sentido real. Segundo o autor por muito tempo os corpos dos infantes têm sido retratados pelos artistas de maneira deformada, longe de qualquer significado real, uma vez que:

Numa miniatura Francesa do fim do século XI, as três crianças que São Nicolau ressuscita estão representadas numa escala mais reduzida que os adultos, sem nenhuma diferença de expressão ou de traços. O pintor não hesitava em dar a nudez das crianças, nos raríssimos casos em que era exposta, a musculatura do adulto: assim, no livro de Salmos de São Luís de Leyde, datado do fim do século XII ou do início do XIII, Ismael, pouco depois do seu nascimento, tem os músculos abdominais e peitorais de um homem. Embora exibisse mais sentimento ao retratar a infância, o século XVIII continuou fiel a esse procedimento (ARIÈS, 1981, p. 51)

Percebemos que o séc. XVIII apresenta um sentimento mais significativo com relação à imagem da criança, contudo ainda é evidente a presença de traços e expressões próximos aos caracteres de um adolescente. Por outro lado, a figura da criança está sempre associada aos aspectos religiosos, como foi o caso das pinturas representadas pela infância da virgem, e pela infância de Jesus. Também era comum a presença dos infantes nas pinturas anedóticas e nas cenas de gênero, porém estas não apresentavam nenhuma descrição única da criança.

Salientemos aqui apenas o fato de que a criança se tornou uma das personagens mais frequentes dessas pinturas anedóticas: a criança com sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas “ressaltada” no colo da sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou as circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor etc; ou a criança na escola, um tema frequente e antigo, que remontava ao século XVI e que não mais deixaria de inspirar as cenas de gênero até o século XIX. (ARIÈS, 1981, p. 55.).

Outros modos de representar a infância surgiram no século XV e foram, o retrato e o puto. Os primeiros retratos à apresentar a imagem de uma criança surgiu nos túmulos de seus professores, no século XVI.

Considera-se que a criança contava tão pouco, que ninguém pensava em conservar um retrato, em que esta, tivesse sobrevivido e se tornado adulta, ou que tivesse morrido pequena. A criança aparecia sempre de forma secundária e a estas não eram demonstrado importância alguma, também por serem criaturas tão frágeis, não se podia haver muito apego, visto que elas logo deixariam de existir.

Segundo Ariès (1981), o aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marca um momento muito importante na história dos sentimentos. O retrato da criança morta indicava que estas começavam a sair do seu anonimato provando que sua perda não era tão inevitável. No século XVI os *puttis* invadem as pinturas e se tornam um motivo decorativo, se fazendo presente até mesmo nas pinturas religiosas e culminando na aplicação decorativa do puto ao retrato da criança.

Compreendemos desta forma, que por muito tempo a infância praticamente não existiu, ou mesmo a criança era comparada a um ser frágil que logo deixaria de existir, e quando sobrevivia à estas, não era dedicado sentimento algum, sendo portanto comparados com adultos em miniaturas.

Nos dias atuais a infância é marcada por um novo paradigma. Não se trata mais de entender uma infância única e individualizada, mas de se compreender a criança dentro de um novo contexto histórico e social, onde muitas infâncias são encontradas.

Não podemos deixar de perceber que o mundo de hoje é muito diferente em relação ao de décadas atrás, no qual a contemporaneidade tem colocado a criança dentro de um universo novo, o da era digital, dos games e dos jogos virtuais, contudo a desigualdade social ainda é fortemente marcante.

Tal desigualdade tem sido característica ao que Dornelles (2005), vêm chamar de infância ninja. A infância ninja é aquela que está à margem de tudo, ou seja, das novas tecnologias, dos games, da internet. São crianças e adolescentes que estão muitas vezes fora das casas, sem acesso aos produtos de consumo e muitos sobrevivem nos bueiros da vida urbana. Quanto a criança das classes mais favorecidas, estas por sua vez, desfrutam dos mais variados instrumentos da era digital e tecnológica.

De acordo com Dornelles (2005), a esse grupo de crianças é dado o nome de *cyber* infância. Da infância *cyber* fazem parte as crianças que tem acesso as novas tecnologias. Dentro dessa nova realidade social, outros espaços são criados para atender a criança contemporânea no seu dia- a dia. A criança assim adquiriu outros modos de ser e de se comportar, fortemente influenciados pela cultura consumista.

Inventam-se novas formas de disciplinamento não só sobre os corpos das crianças, mas também sobre os seus desejos, nos quais é imperativo consumir determinados produtos veiculados pela publicidade. Dornelles (2005), ainda atenta para a questão da infância *cyber* está sempre nos escapando, já que destes, pouco ou quase nada se sabe.

Verificamos dessa maneira, a infância *cyber* como sujeitos a serem estudados em que se nos tempos mais remotos e até a idade moderna, sobre estas se sabia tudo, do modo que estes logo eram moldados, dessa nova infância nada se conhece, o que faz os adultos caracterizarem esse grupo de crianças como infância perigosa.

Compreendemos, portanto, a infância desse novo milênio como seres diversos marcados pela desigualdade social, em que ainda se faz a pesar de muito se ter evoluído, principalmente em aspectos científicos e tecnológicos.

Resta- nos saber agora de que forma as instituições de ensino direcionadas a estes sujeitos tem sido criadas, e em que condições têm funcionado de modo a atender a infância na historia. Tais indagações serão apresentadas e discutidas na abordagem a seguir.

1.2 - As Instituições de Educação Infantil

As primeiras iniciativas direcionadas ao atendimento da infância originaram- se do crescente número de crianças abandonadas ou pertencentes as camadas populares mais desfavorecidas.

Nos séculos XV e XVI, modelos educacionais foram criados para responder aos desafios propostos pela nova realidade social, em que a Europa se desenvolvia. Tal momento levou os Pioneiros da Educação Infantil a buscarem formas disciplinadoras de ensino que destruíssem qualquer tipo de castigo físico.

Com o passar dos anos foram surgindo arranjos mais formais, dessa vez em instituições de caráter filantrópico, no qual necessariamente:

Não tinham uma proposta instrucional formal embora logo passassem a adotar atividades de canto, de memorização de rezas ou passagens bíblicas, e alguns exercícios do que poderia ser uma pré-escrita ou pré- leitura. Tais atividades voltavam se para o desenvolvimento de bons hábitos de comportamento, a internalização de regras morais e de valores religiosos da promoção de rudimentos de instrução. (OLIVEIRA, 2002, p.60).

Nesse sentido a educação era estreitamente concebida segundo o ideário europeu de movimentos religiosos.

O processo de urbanização e a Revolução Industrial impulsionaram uma nova etapa na construção de idéias de Educação Infantil na Europa, no qual o tecnicismo e o cientificismo presente naquele período objetivaram a formulação de um pensamento pedagógico que trouxe uma discussão a cerca da escolaridade obrigatória entre os séculos XVIII e XIX, com ênfase na educação para o desenvolvimento social.

Pensava-se numa educação que buscasse formar os sujeitos para o atendimento necessário as exigências sociais. Nesse momento a criança passa a ser vista como o centro do interesse educativo dos adultos, porém as desigualdades sociais continuavam a existir, já que

crianças pobres eram alijadas do processo de ensino aprendizagem, recebendo apenas o aprendizado de uma ocupação e da piedade.

Compreende-se dessa maneira que muitas lacunas ainda emergiam no processo de construção da Educação Infantil, durante os séculos XVIII e XIX, no qual as desigualdades de oportunidades e de direitos se constituíam nesse sistema como mais um problema a ser superado. Dentro de toda essa conjuntura teórica, propostas educacionais são apresentadas como uma forma de amenizar os problemas vivenciados pelas crianças daquela época. De acordo com Oliveira, 2002, p.63:

Autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel e Montessori, entre outros estabeleceram as bases para um sistema de ensino mais centrado na criança. Muitos deles achavam-se comprometidos com questões sociais relativas às crianças que vivenciavam situações sociais críticas (órfãos de guerra, pobreza), e cuidaram de elaborar propostas de atividades em instituições escolares que compensassem eventuais problemas de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2002, p.63).

Essas propostas educacionais lançavam mãos de práticas de castigos destinados à obediência e à autodisciplina, e focalizavam a brincadeira, os jogos e a liberdade da criança incorporando-se assim nas instituições de Educação Infantil, no qual passaram a admitir a importância da observação e da pesquisa científica do desenvolvimento infantil, além da elaboração de material para ser usado livremente pelos infantes.

A partir do século XX, o cientificismo a respeito das concepções sobre a infância se intensifica predominantemente, fazendo surgir no cenário educacional infantil, o movimento das escolas novas. O movimento também conhecido por escolanovismo tinha uma corrente de pensamento totalmente contrária aos métodos tradicionais de ensino, uma vez que para estes, a aprendizagem da criança deveria se dar pela experimentação, reflexão, e pelo julgamento que a criança faz de suas próprias criações.

O século XX também trouxe grandes contribuições na área da psicologia para a educação da infância. Vários autores traziam à luz do conhecimento propostas educacionais de respeito e valorização da infância.

Dentre esses pensadores destacaram-se: Vigotsky, na década de 20 e 30, atestando a importância da mediação, como instrumento capaz de introduzir a criança na sua cultura. Wallon, que na primeira metade do século XX, evidenciando o valor da afetividade. Jean Piaget que através de suas pesquisas revolucionou a ideia predominantemente sobre a infância.

E o educador Celestin Freinet, que defendia uma educação que ia além do espaço restrito da sala de aula, propondo aulas passeios, desenho livre, entre outras atividades.

Logo após a segunda guerra mundial, surge uma nova preocupação com a situação social da infância e a idéia da criança como portadora de direitos, além do mais outras descobertas científicas sobre o desenvolvimento infantil trouxeram como contribuição: A valorização das relações interpessoais e da autonomia, tendo como defensores, o construtivismo de Constance Kamii, os trabalhos de Emilia Ferreiro, sobre a psicogênese da língua escrita, além dos estudos de Trevarthen e Bruner na Psicologia e na Psicolinguística.

E importante ressaltar que o acentuado desenvolvimento tecnológico provocou grandes mudanças no pensamento educacional da época e levou as famílias a se ocuparem melhor da educação de seus filhos.

Nos dias atuais a Europa apresenta uma nova discussão a respeito da Educação Infantil. Trata-se de agora, definir o porquê, o para que ela existe e como organizá-la, de modo que venha favorecer um ensino de qualidade que se proponha o desenvolvimento das criança em seus aspectos, corporal, intelectual e afetivo, a atividade das diversas expressões, e o preparo para a escola elementar.

No Brasil a história da Educação Infantil tem se assemelhado ao modo como essa área tem se constituído internacionalmente, no entanto tem apresentado suas particularidades.

Entre os séculos XVIII e XIX, o atendimento infantil em creches e pré-escolas praticamente não existiam. Na zona rural esse cuidado ficava a cargo das famílias de fazendeiros, enquanto na zona urbana os bebês abandonados eram recolhidos nas rodas de expostos.

Logo após a proclamação da República, algumas iniciativas começaram a se apresentar, mesmo que isoladamente. Surgiu assim, entidades de amparo, creches, internatos e asilos.

No que diz respeito às propostas educacionais difundidas na Europa, estas chegam ao Brasil na intenção de construir uma nação moderna que seguisse o padrão liberalista presente no século XIX. Nesse momento as propostas da Escola Nova começam a se manifestar no país através dos Jardins de Infância. Estes por sua vez foram bastante difundidos no país, no entanto gerou conflitos e debates entre os políticos da época.

De acordo com Oliveira (2002), a polêmica que se atribuía ao surgimento dos Jardins de Infância era a de que estes tinham objetivos de caridade, e por tanto não deveriam ser mantidos pelo poder público.

Os primeiros Jardins de Infância no Brasil surgiram pela rede privada, no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro, somente após alguns anos foram construídos os Jardins de Infância públicos para atender as crianças mais humildes.

Nesse período da história começaram a surgir algumas funções destinadas a Educação Infantil que iriam permanecer até os dias atuais como: O assistencialismo e uma educação compensatória aos menos favorecidos socialmente.

A proclamação da República em 1889, ainda trouxe fortes modificações no entendimento das questões sociais, já que novas posições foram tomadas a respeito da educação da criança.

Em 1899, é fundada por entidades particulares; O Instituto de Proteção e Assistência a Infância, que logo depois deu origem a criação do Departamento da Criança, em 1919 pelos governantes como uma forma de prestar assistência científica a infância. Nesse período várias escolas infantis e jardins de infância foram surgindo.

O desenvolvimento industrial presente no início do século XX ocasionou uma série de modificações na estrutura familiar daquele momento, uma vez que, o sistema industrial oferecia vagas tanto para homens, quanto para mulheres, o que gerou alguns problemas, já que entre essas mulheres muitas eram mães, e as indústrias não se responsabilizavam pelo atendimento a criança. Tais evidências despontaram como uma das dificuldades enfrentadas pelas operárias mães que tinham que pagar outras mulheres para cuidarem de seus filhos.

Essa realidade social de alguma forma contribuiu para que se houvesse uma preocupação com a infância, todavia a ajuda oferecida não foi reconhecida como um dever social, mas como uma prestação de caridade, em que o sistema não se percebia como um dos responsáveis pelas desigualdades sociais existentes.

O primeiro Congresso Brasileiro de Proteção a Infância realizado no Rio de Janeiro, em 1922 para discutir a educação moral e higiênica da criança fez surgir as primeiras regulamentações do atendimento a infância em escolas maternais e jardins de infância.

Nesse momento histórico alguns educadores preocupados com a qualidade do trabalho pedagógico apoiavam o movimento de renovação pedagógica, o escolanovismo.

Em 1932 surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, no qual defendiam;

A educação como função pública, a existência de uma escola única e da co-educação de meninos e meninas, a necessidade de um ensino ativo nas salas de aula e de o ensino ser laico gratuito e obrigatório. (OLIVEIRA, 2002, p.98).

Nesse período de renovação do pensamento educacional discutia-se também a educação pré-escolar como parte integrante da educação escolar, o que levou a construção de parques infantis e jardins de infância.

Os anos 60 iniciam com alguns avanços legais no âmbito da educação escolar dos menores, no qual a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4024/61, aprovada em 1961, abordava em suas bases legais aspectos que refletiam a realidade social da época, dentre estes aspectos instituiu;

Art.23- A Educação Pré-Primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância. Art.24- As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de 7 anos serão estimuladas a organizar e manter por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré primária.

No período dos governos militares permanecia a política de ajuda governamental e de caráter assistencialista, no entanto o tecnicismo presente na época fez surgir a necessidade de se pensar em um ensino mais sistematizado e compensatório que visasse suprir as carências culturais e reduzir o fracasso escolar. Remetia-se o insucesso escolar e a ausência cultural as más condições de vida das famílias, não considerando esse problema como uma causa social.

Em meados da década de 70 se intensificava a busca por uma política educacional nas creches e pré-escolas que tivesse uma função educativa. Essa busca obteve um resultado positivo, uma vez que culminou na oferta de um trabalho pedagógico mais sistematizado, embora ainda se houvesse medidas de cuidado com a saúde.

A educação da pequena infância passou por muitas modificações ao longo dos tempos. Durante esse período polêmicas e debates se fizeram presentes como resultados legítimos da corrente de pensamento e do momento social em que passava determinada sociedade.

A entrada das mulheres no mercado de trabalho acarretou na construção de um grande número de creches e pré-escolas, que trouxe com isto alguns embates a cerca do caráter assistencialista presente nas instituições de Educação Infantil e do modelo educativo de função pedagógica sistematizada.

Nesse contexto de lutas e debates, as décadas de 70 e 80 se apresentavam com uma forte onda de movimentos sociais pela conquista da democratização do país e o combate as desigualdades sociais. Esses acontecimentos possibilitaram na constituição de 1988, algumas conquistas dentre elas: O direito das crianças a educação e o dever do estado em promover esse direito.

A década de 90 marca uma nova etapa na história da Educação Infantil, no qual o processo de globalização traz uma série de modificações no campo educacional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, então aprovada estabelecia entre outras atribuições, que a educação básica passaria a abranger a Educação Infantil, o ensino fundamental, e o ensino médio. Também enfatizou a participação democrática entre os membros da comunidade educativa.

Quanto às concepções que vinham sendo difundidas, em torno do desenvolvimento cognitivo e da linguagem, estas passaram a modificar as propostas pedagógicas até então conhecidas, e influenciaram na criação do Referencial Curricular Nacional, formulado pelo Ministério da Educação – MEC, e as Diretrizes Nacionais para a Educação, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação. Tais bases orientadoras trazem consigo uma orientação a cerca de como deve ser promovido o desenvolvimento das crianças nas instituições de Educação Infantil, contudo, a maioria dos educadores não tem se utilizado dessas orientações, no qual muitos deles, nem conhecem o material. O que tem demonstrado uma realidade muito distante do desejado, e evidenciado que ainda falta muito para se chegar à oferta de um ensino de qualidade nas creches e pré-escolas brasileiras.

Faz-se necessário, que os próprios envolvidos nesse processo, como o(a)s professore(a)s, busquem a qualidade do ensino permitindo que essa busca parta deles mesmos.

Nesse sentido, é preciso que os educadore(a)s, não fiquem esperando que as coisas aconteçam, para só então tomar iniciativa, mas é de suma importância que este(a)s procurem refletir sobre suas práticas, e tendo a necessidade que busquem subsídios teóricos, assim como formação continuada, para uma melhor qualificação do seu trabalho e maior desenvolvimento aprendizagem de seus aluno(a)s, podendo assim contribuir com o que se espera da educação brasileira: Uma educação de qualidade que venha favorecer o desenvolvimento dos sujeitos como um todo, possibilitando a este(a)s, uma inserção social através de uma visão crítica e reflexiva do mundo a sua volta.

2.0- Contextualização Histórica do Ensino da Arte

A educação escolar e o ambiente social exercem ação recíproca e constante um sobre o outro, o que nos faz compreender que as práticas educacionais surgem de movimentos sociais, mobilizações pedagógicas, filosóficas, ideológicas, e no caso da Arte, estética e artística.

Sendo assim, é importante compreendermos, tais mobilizações e movimentos em cada momento histórico, pois nos ajudará melhor entender o processo educacional e sua relação consigo mesmo, principalmente no que se refere a educação em Arte. De acordo com Ferraz e Fusari, (1993),

No Brasil, por exemplo, foram importantes os movimentos culturais na correlação entre Arte e educação, desde o século XIX. Eventos culturais e artísticos, como a criação da escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, e a presença da Missão Francesa e de artistas europeus de renome, definiram nesse século a formação de profissionais de arte ao nível institucional. No século XX, a semana de 22, a criação de universidades (anos 30), o surgimento das bienais de São Paulo a partir de 1951, os movimentos universitários ligados a cultura popular (anos 50 e 60) da contra cultura (anos 70), a constituição da pós-graduação em ensino de arte e a mobilização profissional (anos 80), entre outros, vêm acompanhando o ensino artístico desde sua introdução até sua expansão por meio da educação formal e de outras experiências (em museus, centros culturais, escolas de arte, conservatórios etc.). (FERRAZ E FUSARI, 1993, p. 27-28).

Podemos assim dizer que a arte não se constitui do nada, mas por meio de acontecimentos socioculturais que influenciam nos seus saberes. Na história foram inúmeros os acontecimentos sociais e culturais que influenciaram direta e indiretamente as concepções estéticas e artísticas objetivadas em determinados assuntos.

Segundo Ferraz e Fusari (1993), dentre essas interferências destacam – se nos séculos XIX e XX, o ensino do desenho com vistas à preparação do sujeito para o mercado de trabalho. A inserção da disciplina Educação Artística nas escolas brasileiras na década de 70, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 5692/71, de 1971, que estipula em seu capítulo I, art. 7º, a obrigatoriedade e a inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”

As autoras ainda nos chama a atenção para a luta pela inclusão do ensino de Arte na escola e a elaboração da nova LDB, após a constituição de 1988. As discussões a cerca do ensino das metodologias de Artes realizadas em âmbito nacional e mundial, durante os anos 80, e por fim a iniciativa do Ministério da Educação nos anos de 1997, à 1998, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).

Podemos assim dizer, que tais acontecimentos interferiram e caracterizaram o ensino aprendizagem da Arte, ao longo dos séculos. O que nos faz perceber, que os fatores sociais e culturais estão intimamente relacionados com os saberes estéticos e artísticos, do modo que, não devem ser orientados nas salas de aula de forma descontextualizada, e fora da realidade dos aprendizes.

2.2- Tendências pedagógicas no ensino de Arte

2.2.1- Pedagogia Tradicional e Pedagogia Tecnicista

Feraz e Fusari (2010) consideram que, na **pedagogia tradicional**, o processo de aquisição do conhecimento dava-se através do ensino mecânico, com base nos modelos de pensamentos desenvolvidos pelos adultos, no qual a aplicação dessas idéias se reduzia a um ensino totalmente desvinculado dos aspectos cotidianos e com ênfase exclusivamente no professor, fazendo do aluno um sujeito passivo diante do conhecimento.

No que diz respeito ao ensino de arte verifica-se nas escolas o uso de uma teoria estética mimética condicionada a uma reprodução do natural, a imitação por meio de cópias:

Esta atitude estética implica a adoção de um padrão de beleza, que consiste sobre tudo em produzir- se e em oferecer- se a percepção, ao sentimento das pessoas aqueles produtos artísticos que se assemelham com as coisas, com os seres, com os fenômenos do seu mundo ambiente (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.25)

Ainda nessa tendência tradicional é possível destacar, a Arte como uma maneira de formar os sujeitos para o mercado de trabalho, uma vez que o ensino do desenho tinha a função social de adentrar os indivíduos nas fábricas.

De acordo com as autoras, o desenho de ornatos e o desenho geométrico eram considerados linguagens úteis para determinadas profissões e quando transformados em conteúdos de ensino dava- se ênfase aos seus aspectos técnicos e científicos. Os professores

(as) na medida que faziam a avaliação dos conhecimentos dos alunos empregavam métodos, que tinham por finalidade exercitar a visão, a mão, a inteligência, a imaginação, o gosto e o senso moral.

Entre os anos 1930 e 1970, o ensino do desenho se restringia basicamente, ao ensino do desenho natural pautado na observação, representação, cópias. Apresentavam-se dessa forma, o ensino do desenho decorativo, com o objetivo de construir faixas, ornatos, etc. O ensino do desenho geométrico, com a função de estudar as construções geométricas, e os desenhos pedagógicos nas escolas normais, que tinham por finalidade ilustrar aulas.

Do ponto de vista metodológico, a aula de desenho na escola tradicional é encaminhada através de exercícios, com reproduções de modelos propostos pelo professor, que seriam fixados pela repetição buscando sempre seu aprimoramento e destreza motora. (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 27)

Verifica-se, portanto, que durante essa tendência o trabalho com desenho nas escolas tem-se demonstrado insuficiente, no qual as práticas artísticas aparecem centradas em representações convencionais de imagens que em nada contribui com as elaborações estéticas e artísticas dos alunos (as).

A pedagogia tecnicista surgiu na segunda metade do século XX no mundo, e no Brasil a partir dos anos 1960 e 1970. A pedagogia tecnicista originou-se com o intuito de formar profissionais competentes para o mercado de trabalho, uma vez que, a educação até então oferecida era considerada insuficiente.

Durante a **pedagogia tecnicista** implantou-se as tecnologias na educação, no qual os conhecimentos repassados para os discentes eram feitos de forma racional e mecânica.

Com relação ao ensino de arte introduz-se a disciplina Educação Artística no currículo escolar em meados dos anos 70 fazendo com que conhecimentos profissionais na área do desenho, música, trabalhos manuais, canto, coral, artes sejam transformados em meras atividades artísticas.

Para Ferraz e Fusari (2010), tal momento é marcado pela falta de conhecimentos e preparação dos professores (as) de artes, que inseguros tentavam promover o ensino baseado nas propostas oferecidas pelos livros didáticos de Educação Artística, o que gerou discussões mais aprofundadas sobre o ensino de arte nos espaços sociais mais amplos.

Vários movimentos se destacaram na época com o intuito de mobilizar os responsáveis pela educação brasileira a favorecer a educação em arte. Movimentos como, as Associações

de Arte Educadores, que se formou em várias partes do país, sendo a primeira, a Associação de Arte Educadores do Estado de São Paulo (AESP), em 1982. E a Federação Nacional dos Arte Educadores do Brasil (FAEB), em 1987.

Também assuntos direcionados aos cursos de arte da Educação Infantil ao ensino superior passaram a ser debatidos por essas associações em eventos como congressos, encontros estaduais, nacionais e internacionais.

Segundo Ferraz e Fusari (20102), dentre os problemas apresentados no ensino artístico encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte e métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. Verifica-se, portanto nos cursos de arte presente na pedagogia tecnicista, uma prática insuficiente, no qual as atividades artísticas têm-se direcionado aos aspectos técnicos totalmente desvinculados do real sentido da arte, configurando-se dessa forma, na necessidade de se buscar conhecimentos teóricos e metodológicos para o ensino artístico.

2.2.3- A Pedagogia Nova e a Tendência Realista Progressista de Educação Escolar em Arte.

Tendo se originado na Europa e repercutido no Brasil a partir dos anos 30. O movimento escolanovista surge para revolucionar a concepção tradicionalista de ensino, a fim de constituir uma sociedade mais democrática. Tal momento é marcado por inúmeros acontecimentos sociais, como a crise do modelo agrário comercial exportador dependente; o início do processo industrial; as diversas lutas políticas; a Ecos da semana de arte moderna de 1922; e as renovações de posicionamento cultural pedagógico e artístico que levaram intelectuais da época se interessarem pelas produções artísticas de crianças, bem como seus processos mentais, sua imaginação.

Para Ferraz e Fusari (1993), diversos autores vêm marcando os trabalhos dos professore(a)s de artes, no século XX, no Brasil, fundando a tendência da “pedagogia nova”. Autores como John Dewey (a partir de 1900) e Victor Lawenfeld (a partir 1943); da Inglaterra; Augusto Rodrigues, no Brasil, através da criação escolinha de Arte no Rio de Janeiro (1948) influenciado pelas concepções artísticas de Read, e que tinha por princípio a “Educação através da Arte”.

Para os escolanovistas, a escola seria um meio de contribuir com a harmonia entre os povos, na medida que conseguisse adaptar os estudantes ao seu meio social. A escola seria então, um instrumento que tinha como função moldar os sujeitos transformando-os, em pessoas capazes de interagir com a demanda social. No que diz respeito às teorias e práticas estéticas escolanovistas, passasse a dar ênfase aos estudos psicológicos das pessoas.

A concepção estética predominante passa a ser proveniente de a) estruturação de experiências individuais de percepção de integração de um entendimento sensível do meio ambiente; b) expressão, revelação de emoções de desejos, de motivações experimentadas todas interiormente pelos indivíduos. (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.30).

Nesse sentido, o ensino voltado para a arte perde seu sentido intelectual e parte para uma concepção mais sentimentalista e psicologizante, no qual, a criança passou a ser objeto de observação, em que se resgatou a valorização da arte baseada na livre expressão e na liberdade criadora. A criança tornaria-se assim independente buscando por si só produzir seus trabalhos artísticos sem intervenção dos adultos, do modo que o infante passou a ser visto como um ser criativo, capaz de aprender fazendo.

No sentido de oferecer uma educação de qualidade que tivesse como princípio básico, a melhoria das práticas sociais; em 1960 educadores se reúnem para discutir questões voltadas para esses fins. Tais discussões possibilitaram na elaboração de novas propostas pedagógicas conscientizadoras que visavam à melhoria do ensino público.

A proposta assumiu um projeto progressista de educação do povo, no qual denominariam-se em: Pedagogia Libertadora, Pedagogia Libertária, Pedagogia Histórica Crítica. Na pedagogia libertadora, buscava-se conscientizar os indivíduos de suas experiências, no qual a relação professor-aluno é feita igualmente. A proposta libertadora teve Paulo Freire como principal representante.

A pedagogia libertária caracterizava-se pela autonomia de professor(a)s e aluno(a)s, e a experiência de autogestão. A pedagogia libertária teve como representante, Michel Lobrat e Celestin Freinet, entre outros. Para Ferraz e Furasi (1993), os representantes desta proposta acreditam na independência teórica e metodológica, livre de amarras sociais.

Em 1970, tendo em vista a insuficiência do ensino-aprendizagem oferecido pelas escolas, principalmente as instituições públicas, um novo grupo de educadores (as) começaram a lutar pela conquista de melhores condições escolares. Os professores (as) que

objetivam uma pedagogia sociopolítica se conscientizavam de que a educação escolar gratuita precisava pautar-se em dois importantes aspectos;

- a) Conseguir uma educação escolar pública competente é, por si só, um dos atos políticos que precisa ser efetivado, pois a escola é, direito de todos os cidadãos:
- b) garantir aos alunos o acesso aos conhecimentos fundamentais, não faz da escola, a única responsável pela melhoria da vida na sociedade (concepção idealista), nem a torna exclusivamente reprodutora das relações sociais (concepção reprodutivista). A educação escolar é influenciada por muitos determinantes sociais, históricos e ao mesmo tempo é capaz de influenciá-los de intervir para que mudem, se transformem e melhorem socialmente (concepção realista). (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.43).

A escola pública é então compreendida como um espaço democrático e de mudança social, que deve ter por finalidade formar sujeitos conscientes e capazes de interagir e intervir socialmente e a educação escolar, portanto, assume o papel de contribuir para a formação crítica dos cidadãos, possibilitando a estes (as), uma conscientização crítica e participativa.

Apresentamos neste capítulo algumas concepções do ensino da arte presente no decorrer da história, no qual, compreendemos os movimentos sociais, as contribuições filosóficas e ideológicas, assim como as tendências pedagógicas, que em muito ajudaram na sistematização das metodologias do ensino de arte. No Capítulo a seguir iremos tratar da importância das artes visuais para a Educação Infantil, no qual será compreendido de que maneira as atividades artísticas podem contribuir com o desenvolvimento integral dos infantes.

2.3. A Importância das Artes Visuais Para a Educação Infantil

A Educação Infantil representa no cenário educacional, o momento inicial no desenvolvimento escolar das crianças. Essa modalidade de ensino é responsável por desenvolver as funções motoras, como os movimentos corporais, o manuseio de objetos, etc. E as capacidades cognitivas que correspondem a percepção, as primeiras noções, entre outras.

Diante disso podemos considerar a Educação Infantil como a base do desenvolvimento aprendizagem da criança, e sabendo que esta fase envolve o lúdico, o brincar e o criar, é de suma relevância que se apresente as artes visuais no currículo infantil como uma ferramenta capaz de inserir a criança na sua cultura.

Vivemos numa sociedade heterogênea, que contempla uma rica variedade de manifestações artísticas e culturais. Essa evidência não pode ser de forma alguma desvinculada do processo escolar, mas deve estar presente nas salas de aula para servir de representação e valorização da cultura local, e também de instrumento de comparação com a cultura de outros povos.

É interessante destacar que o ensino das artes visuais apresenta uma maneira muito particular de expressão cultural, uma vez que através das produções realizadas pelas crianças é possível identificar traços históricos que contemplam um dado significado, ou melhor dizendo, que evidência a vida cotidiana e as experiências vivenciadas por aqueles infantes.

De acordo com Barbosa (1998), a arte tem um papel no desenvolvimento cultural. A arte constitui-se como uma linguagem representacional dos sentidos, transmite significados que não pode ser transmitido por nenhum outro tipo de linguagem.

Nesse sentido, compreende-se a relevância do ensino das artes visuais para o desenvolvimento cultural dos infantes que fazem parte das instituições de Educação Infantil. Portanto, é nessa perspectiva que a educação escolar e mais precisamente a Educação Infantil poderia abordar as artes visuais aproximando os discentes do seu legado cultural, no intuito de formar cidadãos críticos e reflexivos, participantes da prática social.

Desenvolver um ensino de artes que tenha como principal objetivo, a elaboração de saberes estéticos e artísticos na Educação Infantil, não é tarefa fácil, e tão pouco vem sendo valorizado no cotidiano pré-escolar.

Em muitas propostas pedagógicas é possível identificar o ensino de artes como mero suporte metodológico, cujo objetivo é apenas servir de auxílio para a realização de atividades de outras disciplinas. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), o trabalho com as Artes Visuais tem recebido um caráter decorativo, servindo assim para ilustrar temas e datas comemorativas, elaborar convites e cartazes, no qual muitas vezes grande parte do trabalho é feita pelo professor (a).

Esse tipo de atividade em nada contribui com a formação estética e artística dos alunos, ao contrário favorece a construção de sujeitos alienados incapazes de se compreenderem como sujeitos construtores da sua historia. Um trabalho significativo em artes visuais é bem realizado quando se tem clareza dos pressupostos teóricos e metodológicos. Trabalhar com a concepção estética requer que o professor(a), se aproprie do legado cultural

dos alunos valorizando aspectos cotidianos que podem estar presentes na sala de aula, nas ruas, nas músicas, etc.

De acordo com Maura Penna (1995), a apreciação de obras, pode ser feita com elementos de outra cultura, podendo se estabelecer o confronto em sala, no qual os alunos podem identificar traços de sua cultura, e da cultura do outro que até o presente momento encontrava-se despercebido. Com essa proposta o/a docente (a) estará promovendo uma leitura visual significativa, permitindo que os infantes ampliem seus conhecimentos e possam compreender as diferenças culturais presentes na sua cultura e na cultura do outro podendo estabelecer relações de respeito e valorização cultural.

Dessa maneira podemos perceber que a apreciação estética pode-se dá até mesmo frente aos fenômenos naturais, o que vai diferenciar é a capacidade de sentir, explorar com os olhos, traços, formas, cores, entre outros aspectos.

Sendo assim podemos dizer que as instituições de Educação Infantil, não podem negar aos infantes o acesso a um ensino de arte significativo, mesmo por que a arte é um excelente meio de comunicação que pode facilitar a interação entre as pessoas, por meio da sua linguagem, principalmente as Artes Visuais, pois;

As Artes Visuais expressam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos tanto bidimensional, como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. (BRASIL, 1998, p. 85).

As artes visuais precisam fazer parte do cotidiano infantil e mais ainda devem propiciar a familiarização das crianças com as diversas manifestações artísticas favorecendo o que é essencial para essa modalidade de ensino, o desenvolvimento de linguagens.

De acordo com Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) as Artes Visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura própria, no qual a aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos;

Fazer artístico – centrado na exploração, expressão, e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal; Apreciação – percepção do sentido que o objeto propõe articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual, quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de

arte e de seus produtores; Reflexão – considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. (BRASIL, 1998, p. 89).

Nesse sentido, percebe-se a importância de uma educação do ver e do observar, que venha possibilitar os sujeitos a terem uma participação consciente em face à realidade cotidiana, de modo que esse olhar possa ser cada vez mais aperfeiçoado e aprimorado.

Para Ferraz e Fuzari (2010), ver significa conhecer, perceber pela visão, alcançar com a vista os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. Enquanto observar é olhar, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si.

As instituições de Educação Infantil precisam desde o início favorecer o contato das crianças com obras de artes do meio artístico e do ambiente natural, instigando-os a uma observação estética podendo resultar numa produção artística, pois acreditamos que;

As atividades artísticas são as formas mais fáceis e sinceras de comunicação da atividade mental da criança nesta fase (zero a seis anos), uma vez que sua linguagem ainda se encontra em formação e sua escrita longe de ser dominada. As artes plásticas, a música, o teatro, o faz de conta, a brincadeira lúdica, são oportunidades que damos a criança de expressar seu interior e com isso adquirir o ajustamento pessoal necessário para obter segurança no relacionamento social. (FARIA, 2009, p. 115).

Podemos assim dizer que por meio das atividades artísticas, as crianças expressam suas falas e pensamentos, mesmo que através de gestos, do movimento corporal, dos desenhos, das pinturas, entre outras manifestações. A criança se sente livre e se ver capaz quando se é dado a elas a oportunidade de apropriação dos elementos artísticos, uma vez que estas têm suas próprias impressões, e por tanto não devem ser barradas em seu momento criador.

A arte visual constitui-se assim, numa linguagem de comunicação e expressão de extrema importância na Educação Infantil. A pré-escola é o momento inicial na vida escolar do infante, por isso o trabalho deve ser realizado com muita cautela; e se tratando dos saberes estéticos e artísticos, estes devem permear a educação inicial de uma forma que seja significativa para a criança.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), as artes visuais estão presentes no cotidiano infantil. Ao fazer rabiscos, desenhos, etc. As crianças expressam experiências e se utilizam da arte mesmo que inconscientemente.

Nesse sentido, o desenho e as garatujas despontam como uma das primeiras ações artísticas realizadas pelas crianças, em que por meio de traços e rabiscos, estas expressam sentimentos. O desenho apresenta-se por tanto como uma forma de comunicar algo, e essa comunicação se estabelece através da linguagem artística.

Compreende-se portanto, que os saberes estéticos e artísticos estão presentes na vida da criança, em que mesmo sem ter um conhecimento aprimorado, constroem desenhos, fazem pinturas, e produzem garatujas. As crianças possuem uma enorme capacidade criadora, e sua fantasia é capaz de fazê-las imaginar histórias, brincadeiras, sonhos, que poderão se constituir nas primeiras referências para suas criações artísticas e estéticas.

Em suma, a Educação Infantil precisa contemplar, o ensino das Artes Visuais dentro de uma abordagem contextualizada, em que as elaborações estéticas e artísticas estejam presentes assegurando a construção de saberes sócio culturais, a fim de desenvolver o olhar crítico e o pensamento reflexivo dos infantes.

2.4 - O papel do professor como mediador do conhecimento em artes

O ensino de artes nas escolas brasileiras tem apresentado um certo descompasso entre os discursos desenvolvidos, e as práticas executadas. Existem diversas abordagens teóricas metodológicas sobre como ensinar artes, contudo a prática pedagógica realizadas em sala de aula tem sido desvinculada do que se é propostos nas teorias.

De acordo com Ferraz e Fuzari (2010), o compromisso com um projeto educativo que tenha em vista um ensino de qualidade na escola precisa do desenvolvimento em profundidade de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico, e se tratando do professor de arte, a sua prática-teoria, deve estar atrelado a um conceito de arte.

Nesse sentido, compreende-se que o desenvolvimento de um trabalho pedagógico em artes, para ser de qualidade é necessário que os professores(as) tenham conhecimento sobre os elementos e as teorias que constituem o ensino de artes, e mais ainda, devem fazer desse conhecimento, um processo contínuo e permanente, uma vez que o conhecimento não para.

Remete- nos o papel do professor, pois é ele que na dinâmica do dia- a dia escolar é responsável pela orientação e organização do conhecimento em sala de aula. É o alcance de sua ação pedagógica que vai favorecer ou não, um ensino significativo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), em muitas propostas pedagógicas, as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passa tempos, em que atividades de desenhar, colar, pintar, entre outras, são destituídas de significados, além do mais;

As Artes Visuais têm sido também bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos, são comuns as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeográficas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números. (BRASIL, 1998, p. 87).

Sendo assim, o ensino de artes na Educação Infantil deve seguir o caminho das elaborações estéticas e artísticas dentro de um projeto de democratização no acesso a arte e a cultura, configurando-se deste modo, em um processo contínuo e sistemático, uma vez que o conhecimento em arte é tão importante, quanto qualquer outra disciplina escolar, e por tanto deve ser valorizada pela riqueza que possui.

Como já mencionado, o saber em artes contribui de diversas formas com o desenvolvimento aprendizagem da criança, o que vai fazer a diferença é a abordagem metodológica, em que esse saber será apresentado.

O/a professor (a) que se preocupa com o aprendizado dos seus aluno(a)s, procura encontrar os meios necessários para poder oferecer o melhor, por isso é importante que este(a)s não fiquem presos a uma única forma de ensino, mas que busquem se qualificar, aprofundando-se em novos saberes e aperfeiçoando seus conhecimentos.

Consideramos por tanto, que os educadores precisam ir além do espaço restrito da sala de aula e promover dessa forma, aulas passeios para visitar museus, monumentos históricos, galerias, cinema, teatro, etc. É importante salientar, que o/a professor (a), nesse processo deve se posicionar como um sujeito questionador, levando os discentes a terem um olhar observador e detalhista, a fim de que ele(a)s desenvolvam suas capacidades perceptivas, cognitivas, assim como, a sensibilidade e a imaginação. O contato aproximado com as manifestações artísticas é de suma relevância, pois favorece a familiarização das crianças, e enriquece a metodologia de ensino, uma vez que oferece uma aprendizagem significativa.

O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade, e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, cd ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos, etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar, apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição, e a imaginação. (BRASIL, 1998, p. 59)

Com efeito, o ensino de artes ainda apresenta grandes lacunas nas escolas, e mais precisamente nas instituições de Educação Infantil. As abordagens metodológicas têm sido manifestadas de maneira equivocada, negando aos infantes o acesso à cultura. No entanto é preciso desmistificar a ideia de que arte é reproduzir desenhos estereotipados e assumir o objetivo central deste saber, que é o de ampliar o universo cultural das crianças.

3. Percurso na Pré-Escola e a Oficina de Artes Visuais

3.1. Caracterização da Instituição de Educação Infantil e dos participantes da Oficina

A pesquisa foi realizada na “Escola e Pré- Escola municipal Severino Tavares da Silva”, localizada na zona rural da cidade de Boa Vista- PB. A instituição foi fundada pelo então prefeito, Cássio Cunha Lima, quando Boa Vista era distrito de Campina Grande. A escola recebeu esse nome em homenagem ao cidadão que fez a doação da terra para construção do prédio. A instituição passou a ser prioridade do município de Boa Vista quando esta foi emancipada.

Até 1998, a escola funcionava com apenas uma sala de aula sendo, portanto, reformada e ampliada no governo de Edvan Pereira Leite. Desde então a instituição vem sendo reparada, e, em 2011, foi contemplada com mais uma sala de aula, uma sala para laboratório de informática com alguns computadores, e uma quadra de recreação.

Hoje, podemos dizer que a estrutura da escola encontra-se em boas condições. A instituição possui 10 dependências distribuídas da seguinte forma: 3 salas de aula, 1 laboratório de informática, 1 quadra para recreação, 1 cantina, 1 banheiro feminino, 1 banheiro masculino, 1 secretaria, 1 sala para aula de reforço e também para o atendimento médico a comunidade.

O corpo docente da escola no geral é formado por 4 professoras, sendo que 1 atende a Educação Infantil, todas com nível superior e concursadas. Ainda conta com um quadro profissional com: cozinheira, auxiliar de cozinha, vigia e gestora. A Educação Infantil é oferecida no horário da tarde.

Participaram da realização deste trabalho: 1 professora da Educação Infantil e também 15 crianças que compunham esta modalidade de ensino.

Para realização deste estudo organizou- se um questionário contendo questões relacionadas ao tema, além de uma Oficina de Artes Visuais com as crianças da Educação Infantil no período de dois dias. Objetivou- se com isto coletar informações que pudessem dá o diagnóstico da percepção do professor no que se refere ao ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, assim como de verificar por meio da Oficina como as crianças tem sistematicamente adquirido esse conhecimento.

3.2. As Artes Visuais na Oficina com as Crianças

A partir dos resultados obtidos apresentamos a seguir, as análises e discussões da pesquisa de campo e da oficina pedagógica realizada: construindo releituras na Educação Infantil.

Pergunta	Resposta da professora questionada.
<p>1- Você considera suas aulas de Artes relevantes? Por quê?</p>	<p>1- Não tanto quanto gostaria. Para uma formação realmente relevante, seria necessária uma melhor sistematização dos conteúdos e procedimentos.</p>

Nessa primeira indagação foi possível identificar que a professora sujeito (a) da pesquisa não considera relevante a sua contribuição metodológica em Artes para a formação de seus alunos (as). Diante dessa questão, é importante destacar, que o/a professor(a) têm um papel fundamental no processo de desenvolvimento estético e artístico das crianças, o que faz com que este(a), ao elaborar suas propostas pedagógicas, tenha construído uma concepção de Arte consistente.

De acordo com Ferraz e Fusari (1993), o compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico, no qual a prática-teoria artística e estética do professor de Arte precisa estar conectada a uma concepção de Arte, visto que, ele precisa saber Arte e saber ser professor de Arte.

Sabemos que a Arte é um processo que se realiza intrinsecamente com a formação cultural dos sujeitos, o que nos remete a efetivação de um ensino de Artes voltado para o cotidiano, experiências e vivências de nossas crianças, pois acreditamos que:

Desde muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, em fim dos grupos com os quais convive. Gradativamente, ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos (e outras crianças) no dia a dia. (FERRAZ e FUSARI, 1993, p.41).

Deste modo, compreendemos a criança como um sujeito participante de sua história, e como um ser capaz de descobrir o mundo a sua volta, a partir da leitura cotidiana que faz do espaço em que está inserida.

Acreditamos ser de suma relevância que as propostas pedagógicas em Artes das instituições de Educação Infantil estejam voltadas para o desenvolvimento estético, artístico e cultural das crianças, e mais ainda que esse desenvolvimento venha favorecer uma leitura crítica e reflexiva de mundo, e que os possibilitem participar e interagir com o meio social.

Portanto, os professor(a)s atuantes nessa modalidade de ensino precisam ter conhecimento teórico e prático, para efetivar metodologicamente o ensino de Arte, na pré-escola, a começar pelo estudo do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), que traz algumas orientações teóricas- metodológicas, que em muito pode construir para a formulação das propostas das creches e pré-escolas.

Pergunta	Resposta da professora questionada.
2- Você conhece a proposta para o ensino de Artes Visuais presente no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI)? O que você conhece?	2- Um pouco. Já tive oportunidade de ler, mas não de aprofundar a reflexão sobre a proposta do Referencial. Conheço algumas orientações a respeito da sua proposta como: estímulo a criação, imaginação, leitura de mundo.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil-RCNEI constitui-se em um documento legal que suporta em suas bases orientadoras subsídios teóricos e metodológicos para orientar a prática de ensino de professores (as) que atuam nas creches e pré-escolas brasileiras. Sendo assim, é importante que todo profissional da área tenha conhecimento desse material.

Ao analisarmos a resposta obtida nesta questão, verificamos que a docente não utiliza esse material para realização de suas aulas em Artes, pois a educadora afirma em sua resposta, não possuir uma leitura aprofundada sobre o tema, o que a coloca dentro da real situação brasileira, em que a maioria dos professores (as) desconhecem as novas formas de compreender e tem dificuldades em promover um ensino consistente e atualizado. Em se tratando do ensino de arte, essa realidade se intensifica cada vez mais.

A professora ainda revelou conhecer algumas orientações oferecidas por este referencial, como o estímulo a criação, leitura de mundo, no entanto, não os desenvolve em sua prática.

Na oficina Pedagógica¹: *Construindo releitura na Educação Infantil*, foi possível identificar que com relação às capacidades artísticas e estéticas, as crianças demonstraram uma certa carência, visto que o ensino de Artes, até então promovido, não vinha sendo realizado dentro de uma perspectiva crítica, reflexiva e de relevância cultural. Isso ficou bem claro na resposta da professora, e também através das conversas informais no período da realização da oficina pedagógica. De acordo com Ferraz e Fusari (1993)

Os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saiba arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o professor de Artes precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza sua vida na sociedade (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.49).

Deste modo, o(a) professor(a) precisa não só conhecer a proposta para o ensino de Artes, presente no RCNEI, mas estar disposto a buscar novas informações, estudar, pesquisar, se aperfeiçoar, visando sempre a melhoria na qualidade da aprendizagem de seus aluno(a)s. Portanto, o(a) professor(a) não pode se acomodar na formação inicial, mas buscar novos conhecimentos, procurando sempre enriquecer sua ação prática em sala de aula.

Pergunta	Resposta da professora
3- Suas propostas pedagógicas são elaboradas a partir das instruções oferecidas pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI? Como você tem trabalho? E se não trabalha, qual a proposta que você utiliza?	3- Procuo desenvolver as atividades de Artes dentro de um tema gerador, que pode ser um projeto ou sequencia de atividades.

A partir das informações adquiridas por meio dessa questão verificamos que a professora não elabora suas propostas pedagógicas de artes através das orientações oferecidas

¹ A Oficina Pedagógica foi realizada com as crianças do pré I e II no período de 14 á 15 de maio de 2012, na Escola e Pré-Escola Severino Tavares da Silva (municipal), localizada na zona rural do município de Boa Vista- PB, no qual foram desenvolvidas algumas releituras das obras do artista pernambucano Romero Brito.

pelo RCNEI, uma vez que, desenvolve as atividades de artísticas dentro de um tema gerador, que pode ser um projeto ou sequencia de atividades.

Tal proposta tem sua relevância, e com certeza pode ser significativa para a formação estética, artística e cultural da criança, desde que sua efetivação esteja voltada para exploração, ação, reflexão, diferenciação e criticidade do objeto de estudo. Os pequenos precisam ser estimulados desde cedo, a pensar e a refletir sobre tudo que é interessante e tem uma função educacional para sua inserção na sociedade, além do mais é importante que a estes, sejam oportunizadas situações em que possam criar e se expressar através das suas artes.

De acordo com Ferraz e Fusari (1993), entender o processo de conhecimento da arte pela criança significa mergulhar em seu mundo expressivo, por isso é preciso procurar saber por que e como ela o faz. Nesse sentido, o(a) professor(a) precisa estar envolvido com o processo artístico de seus alunos, de maneira que possa compreender e respeitar as expressões particulares de cada uma, uma vez que;

A expressão infantil é, pois a mobilização para o exterior de manifestações interiorizadas e que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos. Assim desde bem pequenos as crianças vão desenvolvendo uma linguagem própria, traduzida em signos e símbolos carregados e significação subjetiva e social, como, p exemplo os rabiscos das pequeninas que são extensões de seus gestos primordialmente. (FERRAZ e, FUSARI, 1993, p.55-56).

O trabalho com os projetos, sequência de atividades a partir de um tema gerador, não necessariamente precisa ser entendido como uma forma incorreta de favorecer o ensino de artes, porém é muito importante que esta proposta seja orientada pelas instruções contidas no RCNEI, pois este material, no momento é o mais indicado para orientar os conteúdos a serem trabalhados na Educação Infantil sendo, portanto indispensável ao ensino das Artes, seja ela visual, plástica, musical e etc.

Sendo assim, consideramos relevante que os profissionais da Educação Infantil tenham conhecimento do Referencial Curricular Nacional para essa modalidade de ensino, e mais ainda que organizem suas praticas pedagógicas a partir das orientações oferecidas por esse material, já que este dispõe de uma bagagem de conhecimento teórico e metodológico que em muito contribui com a prática de ensino do educador (a) infantil.

Pergunta	Resposta da professora
4- Você encontra dificuldades no cotidiano do ensino das Artes Visuais?	4- Sim. Primeiramente devido ao pouco conhecimento ao longo de minha escolarização, não só no ensino superior, mas em outros níveis. Como também faltam recursos, materiais adequados e formação continuada na área.

Nessa questão, verificamos que a docente apresenta certa carência no que diz respeito a sua formação para o ensino de artes, e mais precisamente das artes visuais. Durante a realização da oficina pedagógica de artes, a professora comentou essa questão. Segundo ela; a sua formação não lhe ofereceu subsídios que a possibilitasse desenvolver um bom trabalho de artes com seu(a)s aluno(a)s.

Diante dessa questão, é importante indagar; “O que é ser um bom professor de Artes”?

De acordo com Ferraz e Fusari (1993), ser um bom professor de Artes, é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os alunos do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações.

Deste modo, se o educador(a), não se ver capaz de desenvolver o seu trabalho dentro dessa perspectiva, é interessante que este busque a sua qualificação, estudando pesquisando com o objetivo de melhorar suas aulas de artes. Para que o(a) professor(a) desenvolva com eficiência o seu trabalho em Artes é preciso praticar ações tais como estudar, participar de cursos, buscar informações, discutir, aprofundar reflexões e praticas com os colegas docentes.

A professora pesquisada ainda evidenciou em sua resposta que as dificuldades nas suas atividades de artes, se devem, também, à falta de recursos, especialmente de materiais adequados. Diante dessa questão, é importante enfatizar que, se pensar em desenvolvermos um trabalho em sala de aula a partir dos recursos que a instituição de ensino oferece, então é bom considerar que esse trabalho pode não acontecer adequadamente, visto que são poucas as escolas que dispõe de materiais suficientes para cumprir com toda a demanda do processo educacional.

Nesse sentido, é interessante que o educador busque por esses recursos, e quando negados, que procure novos meios, tentando sempre dar o melhor de si no ensino das artes visuais.

Portanto, se queremos ver mudança e melhoria no nosso ensino de Arte, devemos entender que essa mudança precisa acontecer primeiramente em nós mesmos. Somos responsáveis pelo o que praticamos e desenvolvemos no espaço da sala de aula, as construções e as desconstruções são processos desencadeados por nossas ações, o que nos remete a procurar caminhos e meios que favoreçam uma ação eficaz, consistente e formadora em Artes, que tenha como principio básico, o desenvolvimento estético, artístico e cultural das crianças.

Pergunta	Resposta da professora
5- Como as crianças reagem as suas propostas de atividades em Artes Visuais?	5- As crianças reagem com alegria e entusiasmo. Gostam de participar desse tipo de atividade, se sentem motivadas e se interessam bastante.

Na Oficina Pedagógica de artes realizada, foi possível confirmar essa resposta. Ao ser explicado na sala de aula que iria ser desenvolvido com elas uma oficina de artes, as crianças logo exclamaram; oba. Podia se ver a alegria e a curiosidade nos rostos de cada um (a), ao ser apresentado as obras do autor Romero Brito.

No primeiro dia da oficina foi estudada a biografia do artista Romero Brito, e apresentado duas de suas obras para ser explicado o conceito de releitura, a partir de exemplos de releituras realizadas.

Para tanto, foi organizado as releituras a o lado das obras originais para as crianças observarem, identificando e estabelecendo as diferenças entre a obra original e a releitura.



Figura 1: Reprodução de obra do artista Romero Brito apresentada as crianças da Educação Infantil

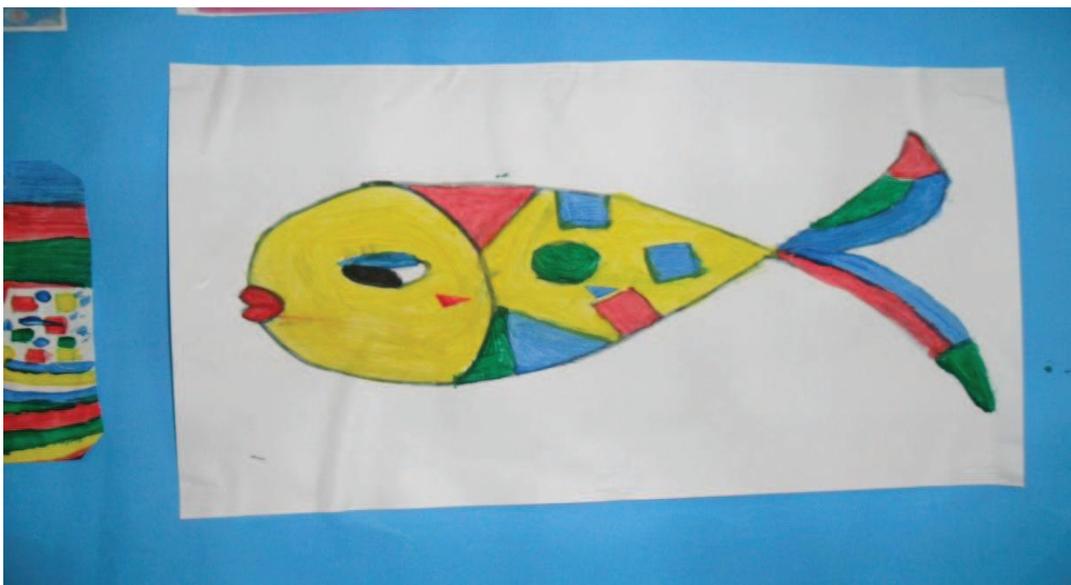


Figura 2: Releitura da obra de Romero Brito feita pela professora organizadora da Oficina.

Com essa proposta foi possível perceber, que a presença das cores nas imagens foi o que mais chamou a atenção das crianças, já que foi a primeira diferenciação encontrada por estas. Com relação aos outros aspectos presente nas obras percebeu-se certa dificuldade por parte destas, em encontrar, sendo feito, portanto, alguns questionamentos, instigando e apurando a observação da criança.

De acordo com Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998),

Ao trabalhar com leitura de imagens, é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse das crianças, como: “O que você mais gostou?”, “Como o artista conseguiu estas cores?”, “O que você acha que foi mais difícil para ele fazer?”. Este é um bom momento para descobrir que temas são mais significativos para elas. O professor poderá criar espaços para construção de uma observação mais apurada, instigando a descrição daquilo que está sendo observado. É aconselhável que o professor interfira nessas observações, aguçando as descobertas, fomentando as verbalizações e até ajudando as crianças na apreensão significativa do conteúdo geral da imagem, deixando sempre que as crianças sejam as autoras das interpretações (BRASIL, 1998, p.104).

No segundo e último dias da Oficina, foi estimulado à criatividade e a imaginação das crianças. Para tanto outras obras do artista foram apresentadas, dando ênfase a perspectiva geométrica presente em suas artes. A metodologia utilizada teve como preocupação a de que as crianças tivessem o contato real com os objetos em questão.

Nesse sentido, foram levadas algumas figuras geométricas em material E. V. A, para ser explicado o que seria as figuras geométricas. Nesse momento percebeu-se que as crianças já as conheciam, o que facilitou o desenvolvimento da proposta.

As crianças inicialmente tiveram a oportunidade de observar e manipular as formas geométricas para só então, serem instigadas a observação das obras do autor que continham essas figuras. Foi pedido então, que estas identificassem com o dedo, onde estavam localizadas as figuras geométricas, e que figuras eram aquelas. Feito isso, foi proposto que as crianças fizessem um desenho incorporando a estes, as figuras geométricas.



Figura 3: Reprodução de obra do artista Romero Brito.

Com essa proposta foi possível desenvolver a criatividade dos infantes levando estes a pensar e a refletir ao construir seus desenhos. Surgiram desenhos de todo o tipo; árvores, bola de futebol, e até mesmo desenhos incompreensíveis aos nossos olhos, mas significativo para a criança que o fez.



Figura 4: Arte realizada por uma criança do pré II contendo a perspectiva Geométrica presente nas obras de Romero Brito.



Figura 5: Arte realizada por uma criança do pré II inspirada nas artes de Romero Brito.

Ao encerrar essa atividade, foi dado continuidade aos trabalhos com releitura, do modo que as crianças conheceram mais uma obra do autor e posteriormente fizeram a

releitura. As crianças se expressaram de todas as formas e o mais interessante era a alegria e o entusiasmo que demonstravam ao colorir sua releituras. Eles brincavam com as cores, e suas capacidades imaginativas e criadoras faziam surgir artes diversas.



Figura 6: Reprodução de obra de Romero Brito.



Figura 7: Releitura realizada por uma criança do pré II.

Ao término desta Oficina, os trabalhos de releituras das crianças foram colados em cartolinas e expostos na parede do pátio da escola.



Figura 8: Exposição das releituras das crianças na parede do pátio da escola.

Ao presenciar a realização desta Oficina foi possível perceber que a Arte, e mais precisamente as Artes Visuais, precisam ser melhor abordadas na Educação Infantil, visto que suas produções contibuem muito com o desenvolvimento das crianças. Portanto, é importanate que nós, educador(a)s, possamos pensar e refletir cotidianamente sobre nossas práticas pedagógicas. Assim, construiremos a nossa ação pedagógica buscando procedimentos e metodologias adequadas que possam aproximar as crianças do seu legado cultural e estético a fim de que elas possam se tornar cidadãos críticos e reflexivos diante dos processos sociais, especialmente naqueles em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, sem a intenção de generalizar as situações analisadas na escola pesquisada, pude perceber que o ensino das Artes Visuais, por vezes, ainda encontra muitos desafios nas instituições de Educação Infantil. Nessa e em outras instituições, é possível constatar que a qualificação destinada aos professor(a)s é insuficiente ou, por vezes, inexistente, e mais ainda a dificuldade deste(a)s em ter acesso a pesquisa e publicações que o(a)s ajude entender melhores formas de promover o ensino de Arte, o que tem contribuído para o fracasso escolar de parte das crianças de 0 a 5 anos.

Sabemos que o ensino de arte compõe a grade curricular das instituições de Educação Infantil, contudo, a importância devida não é direcionada às artes por parte de muitos gestores e professor(a)s. O trabalho que se faz na instituição de Educação Infantil pesquisada, são atividades de reprodução e cópias muitas vezes para complementar a demanda de outra disciplina, ou seja para dar suporte ao aprendizado de uma matéria considerada mais importante.

A arte no ensino continua perdendo seu real sentido e não devemos aceitar que isso continue acontecendo pois, somos educador(a)s, pessoas treinadas e conscientizadas a desenvolver uma tarefa muito difícil, que é a de educar crianças, contribuir para a formação de cidadãos, e a maneira com a qual realizamos esse trabalho influencia muito na aprendizagem dos meninos e meninas.

A Educação Infantil é uma fase muito importante na vida das crianças, e as atividades de Artes Visuais, desenvolvidas nas instituições de Educação Infantil, não devem estar direcionadas apenas ao trabalho com massinha de modelar, pinturas ou colagens, totalmente destituídas de significados e referências das artes visuais. Recomenda-se que essas atividades devem se constituir em propostas que permitam às crianças o desenvolvimento do pensamento criativo e artístico, bem como a elaborar suas hipóteses, pois as crianças precisam encontrar significados naquilo que aprendem, para que suas aprendizagens se torne relevantes.

Portanto, se o efetivo conhecimento das Artes Visuais têm a capacidade de tornar os sujeitos criativos, com gosto estético apurado e conscientes dos significados das imagens da arte e do cotidiano, se ela é capaz de fazê-los ler melhor as diferentes culturas no mundo que nos cerca, é possível valorizarmos e trabalharmos as Artes Visuais dentro de uma visão crítica e reflexiva de mundo.

REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. **A Historia Social da Criança e da Família**. 2^o edição. Rio de Janeiro. LTC, 1981.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos: Arte como cultura e expressão**. Belo Horizonte. C/Arte. 1998. 200 p.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**, 1996, disponível em: portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB**, 1961, disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/.../ldb%20lei%20no%204.024..

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de Faria. **O Coletivo Infantil em creches e pré- escolas; Falares e Saberse**. São Paulo: Cortêz, 2007.

FUSARI, M. F. R, e FERRAZ, M. H. C. T. A. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, M. F. R, e FERRAZ, M. H. C. T. A. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2^o ed. Revisada e ampliada. São Paulo 1999.

FUSARI, M. F. R, e FERRAZ, M. H. C. T. A. **Arte na Educação Escolar**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São paulo: Cortez, 2002.

PENNA, Maura. **O papel da arte na educação básica**. In: PEREGRINO, Y.R.(coord) (et al). *Da camiseta ao museu: O ensino das artes na democratização da cultura*. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995, p.17-22.

APENDICES

APENDICE I

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

PROJETO DE PESQUISA

AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lidiana Pereira da Silva

Campina Grande- PB

2012

LIDIANA PEREIRA DA SILVA

AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Campina Grande- PB

2012

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA.....	04
OBJETIVOS.....	04
OBJETO DE PESQUISA	04
METODOLOGIA.....	05
A IMPORTANCIA DAS ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	06
CRONOGRAMA	08
REFERENCIAS.....	09
APENDICES	10

JUSTIFICATIVA

As artes configuram-se em instrumento valioso de aprendizagem que tem por finalidade o despertar criativo da criança, por essa razão deve ser trabalhada nas escolas numa abordagem contextualizada e significativa que possibilite aos discentes uma reflexão crítica da realidade.

As artes visuais surgem como uma linguagem de expressão capaz de comunicar algo e atribuir significados, além do mais permite o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e das capacidades estéticas que irão se desenvolver no fazer artístico da criança.

Nessa perspectiva faz-se necessário a realização de uma pesquisa que possa identificar, como as artes visuais vem sendo trabalhada na Educação Infantil, numa escola e pré - escola pública, localizada na zona rural do município de Boa Vista – PB.

Por tanto, é com esse intuito que objetivamos por desenvolver a pesquisa da referida temática, na certeza de que será relevante para minha formação, assim bem como, para o desenvolvimento de minha prática pedagógica perante a aprendizagem dos meus alunos.

Objetivos

Geral:

- Investigar como vem sendo metodologicamente abordado as Artes Visuais na Educação Infantil.

Específicos:

- Identificar propostas pedagógicas que promovam o envolvimento das crianças com as Artes Visuais.
- Verificar de que maneira as professoras possibilitam a interação das crianças com as atividades de construção das Artes Visuais.
- **Objeto de Pesquisa:** Como as Artes Visuais vem sendo metodologicamente abordada no cotidiano da Educação Infantil.

METODOLOGIA:

A pesquisa será realizada numa escola municipal localizada na zona rural do município de Boa Vista – PB, na sala de Educação Infantil.

Para o desenvolvimento deste trabalho será entrevistada uma professora da Educação Infantil, no qual será aplicado um questionário subjetivo contendo questões relacionadas ao tema, além de uma oficina pedagógica de artes visuais, em que será trabalhada as releituras do artista pernambucano Romero Brito, durante o período de 14 à 15 de maio de 2012.

A intenção é a de coletar dados que possam oferecer informações a cerca da visão do educador no que diz respeito ao ensino de artes visuais na Educação Infantil.

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

O ensino de artes ainda é um problema a se pensar. Existem diversas abordagens metodológicas e teóricas sobre como ensinar artes. No entanto, poucas tem se preocupado com as elaborações estéticas e artísticas dos alunos; o que presenciamos na realidade é uma alienante reprodução de desenhos estereotipados que pouco tem servido para a formação crítica dos discentes.

De acordo com Ferraz e Fusari (2010), o compromisso com um projeto educativo que promova o ensino de qualidade na escola, necessita do desenvolvimento em profundidade de saberes indispensáveis para um competente trabalho pedagógico e se tratando do professor de arte, a sua prática-teoria, artística e estética deve está atrelada a um conceito de arte, assim como a sua proposta pedagógica.

Nesse sentido, pode-se compreender que é necessário que o professor tenha um conhecimento, uma concepção de arte, para então ser um bom professor, ele precisa saber arte e saber ser professor de artes.

Ferraz e Fusari (2010) ainda destaca que ser um bom professor de artes é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os alunos do legado cultural e artístico possibilitando assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura.

Destaca-se o papel do professor, pois é ele que na dinâmica do dia a dia escolar é responsável pela orientação e pela distribuição do conhecimento em sala. É o alcance da sua ação profissional que vai favorecer ou não, um ensino de qualidade.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil (BRASIL, 1998), em muitas propostas as praticas de artes visuais são entendidas apenas como meros passatempos, em que atividades de desenhar, colar, pintar, entre outras são destituídas de significados.

As artes visuais tem sido também, bastante utilizados como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos, são

comuns as praticas de colorir imagens, feitas pelos adultos em folhas mimeográficas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números. (BRASIL, 1998.p.87).

A educação escolar em arte deve seguir o caminho das elaborações estéticas e artísticas, configurando-se em um processar contínuo, sistemático e progressivo, sendo assim é relevante pensar o papel da arte na educação básica, mas precisamente na educação infantil, dentro de um projeto de democratização no acesso à cultura e no acesso à arte.

A capacidade de compreender a arte não se deve a um dom inato ou algo assim; deve-se, sim, a certas formas de perceber, de pensar e mesmo de sentir que dependem da vivencia, da experiência de contato com as obras de arte. (PENNA,1995.p.19)

De acordo com Maura Penna (1995), a escola só pode permitir esta democratização, se ela se voltar para o desenvolvimento da familiarização com as linguagens artísticas, e se assumir um trabalho que tanto promova o contato com as diversas manifestações artísticas, quanto desenvolva a percepção, compreensão dos elementos básicos de cada linguagem.

Em suma, o fazer estético e artístico ainda apresenta grandes lacunas nas escolas. As abordagens Teórico-metodológicas têm sido manifestadas de maneira equivocada, negando aos alunos o acesso ao seu legado cultural. Portanto é preciso desmistificar a idéia de que a arte é reproduzir desenhos estereotipados, e assumir o seu objetivo central, que é ampliar o universo cultural dos alunos.

CRONOGRAMA

Ações	Meses	
	Abril	Maio
Leitura e elaboração do projeto.	X	
Aplicação do questionário.		X
Realização da Oficina Pedagógica: Artes Visuais Na Educação Infantil.		X

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

FUSARI, M. F. R, e FERAZ, M. H. C. T. A. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

PENNA. Maura. O papel da arte na educação básica. In: PEREGRINO, Y. R. (coord) (et al). Da camiseta ao museu: O ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: editora universitária/ UEPB, 1995, p. 17 à 22.

APENDICE II

CURSO DE PEDAGOGIA

OFICINA PEDAGÓGICA: CONSTRUINDO RELEITURAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MINISTRANTE: Lidiana Pereira da Silva

PLANO DE CURSO

Serie: Educação Infantil

Turno: tarde

Quantidade de alunos (as): 15

AULA DO DIA, 15- 05- 2012;

Objetivo: Fazer com que as crianças desenvolvam sua visão crítica de ver e observar.

Atividades trabalhadas;

Apresentação da biografia do artista Romero Brito;

Apresentação de uma de suas obras, o peixe para ser feita a releitura pelas crianças.

METODOLOGIA: Será levado uma imagem impressa do artista para ser feita a apresentação da sua vida; em seguida será dado procedimento aos trabalhos com releituras. Para tanto será organizado as releituras a o lado das obras originais para as crianças observarem, identificando e estabelecendo as diferenças entre a obra original e a releitura. Logo em seguida as crianças irão desenvolver suas próprias releituras, a partir da obra, o peixe de Romero Brito.

AVALIAÇÃO: Será avaliado o desempenho e a análise das crianças ao desenvolver suas releituras.

AULA DO DIA, 16- 05- 2012;

Objetivo: Favorecer o desenvolvimento da capacidade perceptiva da criança;

Atividades trabalhadas;

Apresentação de uma obra do artista Romero Brito as crianças, contendo a perspectiva geométrica presente nas obras do artista;

Apresentação de mais uma obra para ser feita a releitura.

METODOLOGIA: Nesta aula será desenvolvida duas atividades. Primeiramente será apresentado uma obra de Romero contendo a perspectiva geométrica para as crianças observarem e identificarem. Nesse sentido, Será levado algumas figuras geométricas em material E. V. A, para ser explicado o que vem ser as figuras geométricas. As crianças inicialmente poderão ter a oportunidade de observar e manipular as formas geométricas para só então, serem instigadas a observação das obras do autor que contemplam essas figuras. Feito isso, será pedido que estas, identifiquem com o dedo, onde estar localizada as figuras geométricas, e que figuras são aquelas. Logo em seguida, será proposto que as crianças façam um desenho incorporando a estes, as figuras geométricas. A segunda atividade dará

continuidade aos trabalhos com releituras do modo que as crianças irão conhecer mais uma obra do autor e posteriormente fazer a releitura desta.

AVALIAÇÃO: Será avaliado o envolvimento das crianças no desenvolvimento das atividades.